

DE NOVO A QUESTÃO DA INICIAÇÃO CRISTÃ: BREVES CONSIDERAÇÕES TEOLÓGICO- PASTORAIS

Pe. Antonio de Lisboa Lustosa Lopes¹

Quando vivemos em comunidade, corremos o risco de nos deixar absorver pelo cotidiano das vivências cúllicas, de tal modo que aparece aquilo que Max Weber denominou rotinização do carisma. Daí o fato de não poucas vezes cairmos naquilo que o Papa Francisco advertiu na *Evangelii Gaudium*: sempre foi assim. Ou seja, ainda que surjam interpelações, mesmo que as dificuldades no processo de vivência da fé sejam constantes, resiste-se à inovação, porque é mais fácil permanecer no pseudo-conforto do sempre foi assim. Para quê mudar se até onde estamos conseguiu-se levar do jeito que está?

Estas questões somam-se a um certo comodismo de uma prática pastoral conformada em garantir a manutenção e conservação daquilo que existe. Porém, isto é uma afronta ao dinamismo próprio do Espírito Santo, que é vento, sopra livre que alcança deliberadamente as realidades que bem lhe aprouver. Não querer movimentar-se para criar e recriar a vida de fé num esforço de corresponder aos apelos desafiadores do Espírito de Deus, pode ser um conformismo pecaminoso que demonstra a ausência da fé na força do alto.

Por que, então, abordar a questão da Iniciação Cristã de novo? O que motiva a Igreja, de forma recorrente, a se perguntar acerca dos processos iniciáticos da vivência da fé cristã? Evidentemente que estas são questões emergentes na vida de comunidade e que chamam a atenção para o fato de que a fé é dinâmica e que a vida da Igreja não é uma abstração, mas realidade

¹ Padre da arquidiocese de São Paulo, pároco da Paróquia São João Clímaco, professor de teologia do UNISAL. Mestre em Teologia Pastoral pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção e Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

historicamente situada, porque feita de homens e mulheres que estão sujeitos às vicissitudes históricas, aos êxitos e fracassos próprios da finitude e historicidade humanas. No “tempo que se chama hoje”, com maior força se impõe a necessidade que moveu as comunidades da Ásia Menor no cristianismo nascente e foi expresso na missiva petrina: o homem e a mulher de fé precisam ter condições de dar as razões da própria esperança (Cf. 1Pd 3,15).

1 QUEM CRÊ SABE DAR RAZÃO DO QUE CRÊ.

O círculo memorial originário da missiva de Pedro está inserido num ambiente de perseguição dos seguidores do caminho² no primeiro século da era cristã, que lidam com grandes dificuldades para testemunhar a fé no Cristo de Nazaré Ressuscitado, dentro de um contexto religioso eminentemente plural, onde a esperança é o elemento cativante das práxis cristãs (Cf. Bíblia do Peregrino, 2010). Homem e mulher, segundo o autor

² Nas Bíblias hebraicas e gregas, existem 519 menções do verbete **caminho**, sem levar em conta as 141 menções do plural **caminhos**. É uma terminologia recorrente na tradição judaico-cristã e pelos escritos de Lucas, sobretudo o livro dos Atos dos Apóstolos, aqueles que seguiam Jesus e se agregavam desde a experiência fundante da Ressurreição, pela abertura missionária itinerante, eram considerados como os *seguidores do caminho*. Pode se ler: "[...] Se e vá para o sul, pelo **caminho** que desce de Jerusalém para Gaza; é o **caminho** que se acha no deserto"(At 8,26); "[...] Continuando o **caminho**, chegaram a um lugar onde[...]"(At 8,36); "[...] que encontrasse seguindo o **Caminho**"(At 9,2); "[...] apareceu quando você vinha pelo **caminho**, me mandou aqui para que[...]"(At 9,17); "[...] lhes contou como Saulo no **caminho** tinha visto o Senhor[...]"(At 9,27); "[...] enquanto eles estavam a **caminho** e se aproximavam da cidade[...]"(At 10,9); "[...] Depois, Pedro saiu e se pôs a **caminho** para outro lugar"(At 12,17); "[...] nações seguissem o próprio **caminho**."(At 14,16); "[...] Deus Altíssimo e anunciam o **caminho** da salvação para vocês[...]"(At 16,17); "[...] Fora instruído no **Caminho** do Senhor e, com muito entusiasmo[...]"(At 18,25); "[...] precisão, lhe expuseram o **Caminho** de Deus"(At 18,26). "[...] incredulidade e falavam mal do **Caminho** diante da multidão [...]"(At 19,9); "[...] grave tumulto a respeito do **Caminho**[...]" (At 19,23). Cf. Bíblia Sagrada – Edição Pastoral [on-line]. Disponível em <www.paulus.com.br>. Acesso em 02.07.2017. Esta reflexão é aprofundada em COMBLIN, José. *O Caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2004.

da referida carta, são interpelados pelo Cristo a viverem no lar a experiência da oração (1Pd 3,77), numa atitude de acolhimento e respeito recíprocos (1Pd 3,8), pois como herdeiros da bênção, são chamados a bendizer os outros (1Pd 3,9). É a esperança do reencontro com Cristo que anima o amor dos cristãos no dia-a-dia de sua história (1Pd 4,7-11).

Disto emerge um questionamento: como explicar que, no evento Jesus, Deus se fez presente? É a fé no Deus feito homem em Jesus que provoca na comunidade primitiva a necessidade do exercício da razão (Cf. OLIVEIRA, 56), para poder atuar missionariamente, ou seja, anunciar o evangelho aos gentios, que implicava em falar de Deus como “origem criadora de todo o real” (OLIVEIRA, 56). Este parece ser um reclamo importante da carta de Pedro. Assim, também por esta perspectiva, a missão implica numa racionalidade da práxis.

É no confronto com a realidade que a fé enuncia sua relevância para a vida e a história humanas e, neste sentido, é importante perguntar acerca da modalidade de confronto plausível. A humanidade herdou do pensamento ocidental, duas formas de aproximações da realidade. Esta pode ser vista a partir do físico (metafísico), como desenhou o pensamento grego; e a partir do evento (acontecimento), como engendrou a perspectiva judaico-cristã. Por isso, vê-se uma efetiva fusão de horizontes neste encontro (Cf. OLIVEIRA, 52). O que ocorre parece ser um processo de hibridização, que levanta a questão acerca de onde está localizado o pólo dominante.

Uma análise feita por Manfredo de Oliveira assevera que a grande contribuição do judaísmo é o rompimento com a estrutura cíclica, afirmando que a história caminha para frente. Ao mesmo tempo em que a contribuição do cristianismo é a apresentação de uma visão dos limites próprios da história, uma necessária distinção entre utopia e projeto histórico. Para o cristianismo, é fundamental a “fusão de horizontes”. A justaposição de horizontes não favorece uma efetiva comunicabilidade cultural e religiosa. Este encontro

explicita uma relacionalidade que se radica na experiência de fé, que não é o mesmo que a experiência religiosa. Ou seja, aquela está ligada ao Sagrado, ao passo que esta ao Transcendente – Deus. Como diz H. de Lima Vaz, “o religioso ou o Sagrado resulta da função simbolizante do homem nesse terreno que se estende entre o fascínio e o temor do que é incompreensível ou misterioso” (VAZ, 250).

De modo distinto, a experiência de Deus – que é experiência de fé – refere-se a uma experiência de um sentido radical. Como dizia Paul Tillich, é o sentir-se possuído por um absoluto incondicional que, para a fé Cristã, é Deus. No entanto, isto torna eminentemente plausível a pergunta sobre o último absoluto. No caso dos gregos é a natureza, enquanto para os cristãos é Deus. Ora, se Deus exerce plenamente sua soberania absoluta, a dinâmica interna do mundo não é mais contingente, senão necessária (Cf. OLIVEIRA, 58). Por isso, destacar que Deus tem soberania absoluta é desconsiderar o movimento da história. Destarte, a experiência de Deus penetra todas as dimensões da vida e transforma radicalmente o sentido da existência. É uma experiência particular que altera a totalidade.

As nossas comunidades católicas vivem estas exigências frequentes para os cristãos das primeiras horas: demonstrar a fé de modo razoável. Neste sentido, dado o fato de que os primeiros cristãos a partir do segundo século desenvolveram processos de inserção comunitária, a iniciação é uma tipologia vivencial do cristianismo de todos os tempos. As pessoas que eram atraídas pelas experiências crentes do povo do Caminho, sendo inicialmente acolhidas, passavam a vivenciar gradualmente esta fé para progredir no entendimento e qualificar a proximidade e vivência com o Mistério presente.

2 FÉ, MISTÉRIO E MISTAGOGIA

O nome já reclama esclarecimento. Mistério é algo que antecede e supera a própria experiência humana. Deus é Mistério que se comunica trinitariamente e historicamente Revelou-se em toda a sua inteireza no Homem Jesus, o Verbo Eterno Encarnado. Este Homem viveu a vida humana de um modo tão perfeito que só Deus poderia viver, mas assim mesmo, enquanto tal, viveu as vicissitudes históricas típicas desta natureza, sofreu e morreu. Mas Deus O ressuscitou e, como Vencedor, apareceu aos apavorados discípulos, suscitando neles a fé inabalável no Deus da Vida. Isto é Mistério que se acolhe na fé, progride no entendimento e se assimila na vivência litúrgica, para permanentemente reverenciar e caminhar com os “olhos fixos” no autor e consumidor de nossa fé (Cf. Hb 12,2).

O cristianismo moveu-se historicamente; sobreviveu às perseguições, caminhando com o sangue de numerosos mártires desta mesma fé, até que viveu a cristandade e tornou-se experiência comum para a sociedade vigente, deixando de lado por muito tempo os preciosos processos introdutórios que tanto ajudaram na solidificação da fé dos primeiros tempos. Mas a história avança, viveu-se períodos de mudanças e agora parece que a configuração dos tecidos sócio-históricos é tão gigante que as visões de mundo vão sendo alteradas a ponto de aceder-se a uma verdadeira “mudança de época”. E aqui aparece novamente o questionamento: por quê ser cristão? Por quê ir à Igreja? Como afirmaram os bispos na introdução do Documento 107 sobre esta temática, de nada adiante tentar apresentar respostas se não se escutou efetivamente quais são as perguntas (Cf. CNBB 107, n. 03).

Devido às características de desenraizamento em que vivem as pessoas desta época atual e a flutuação das relações humanas e sociais, assistimos a um processo tipificado de enfraquecimento das instituições tradicionais, entre elas as religiosas. Por isso, a leitura pastoral apresentada pelos sucessores

dos apóstolos da Igreja no Brasil traz à tona a necessidade de buscar uma avaliação dos processos de transmissão da fé acompanhada de um movimento consciente de conversão e aprendizagem pastoral (Cf. CNBB 107, 01s).

Também nós Igreja no Brasil fomos “encharcados” da *rotinização do carisma* e nos deixamos levar pela tentação do *sempre foi assim*. A transmissão da fé em nossas igrejas segue um roteiro compartimentado e de algum modo distante daquilo que seria um introito dinâmico ao mistério. Não se encontra facilmente nas práticas catequéticas de nossas comunidades um processo de mistagogia, ou seja, de condução para o mistério, de esforço para atrair e facilitar a adesão ao Mistério Salvador do Cristo. Por isso, desafiados pela mudança de época e bem influenciados pelos desenraizamentos, extraterritorializações e liquefazimento das relações humanas e sociais, os cristãos carecem hoje de uma efetiva conversão pastoral para reaprender a fé e consolidar uma pedagogia pastoral evangelizadora que alcance propriamente os corações humanos e os aproxime vigorosamente do Coração do Mestre Jesus.

Em várias celebrações nas comunidades católicas canta-se: *irmão, é bom se encontrar, é bom começar sempre novo! Irmão é bom repensar...* Será que isto é entoado conscientemente? Se é, dá para ver pelas práticas comunitárias que a dinâmica do encontro e reflexão fraterna ocorrem amiúde? Pois bem, é isto que emerge nas reflexões dos pastores católicos do Brasil em nossos tempos. Contemplando um dos mais belos encontros de Cristo, aquele com a Samaritana, pode-se ali encontrar uma referência para este processo que poderá ajudar na avaliação, na conversão e na aprendizagem.

Não existem receitas, a vida é dinâmica e como vivemos a interação da fé com a vida, as nossas experiências de fé são também dinâmicas e devem ser sentidas como tais. O encontro é uma dinâmica que se constitui em emblema paradigmático das práxis de Jesus. Ele se revela no Encontro do Divino com o

Humano e demonstra isso em forma bem concreta nas aproximações que ele vive com as pessoas e grupos e nas influências que exerce sobre a vida destes que encontra. É a mística do encontro que poderá ajudar as comunidades a reencontrar o caminho processual e dinâmico da Iniciação à Vida Cristã. Se a Igreja é a Casa de Deus e dos seus filhos que somos todos nós, então ela é a Casa da Iniciação Cristã. E se é casa, não é quarto, nem sala, nem porta, nem janela apenas, mas toda ela. De modo que não será somente nos momentos iniciais de inserção no mistério, mas em toda a vida de fé será necessário renovar o vigor do primeiro amor, para não esquecê-lo (Cf. Ap 2,4).

Não se pode perder de vista, seguindo o quadro do encontro de Jesus com a Samaritana, que Ele lhe pede de beber (Cf. Jo 4,7). É o próprio Senhor quem toma a iniciativa de se mostrar, de se revelar, de demonstrar a sede que Deus tem de nossa humanidade, de encontrar-se conosco. E, a partir daí começa o tão necessário diálogo. Deus quer conversar conosco. É Ele quem “puxa conversa” com a humanidade. E nisto se vê um verdadeiro encontro da graça divina com a carência humana: “Se conhecesses...” (Jo 4,10). Se não houver encontro, se a humanidade não se deixar encontrar por Deus, não avançará no conhecimento Dele. Só haverá progresso catequético se houver encontro e diálogo, o que não é resolvido apenas pela sobreposição de ensinamentos, mas será na vivência, no culto, na liturgia, que sobremaneira se experimentará Aquele que quer se fazer encontrar, que se revelou em Jesus e Nele tornou-se tangível, submeteu-se aos nossos sentidos para nos alimentar.

“Quem beber da Água que eu lhe darei, nunca mais terá sede” (Jo 4,14). Aqui está o segredo. Aquela mulher carregava em seu profundo o desejo de encontrar sentido para sua existência; buscara em tantos poços, mas sempre voltava a sentir a mesma sede. Ela tinha sede de infinito e só Deus pôde saciá-la. Assim é também nas nossas vivências comunitárias. Somos Igreja porque encontramos Deus ali. A Igreja é o espaço e tempo que nos

propicia este processo mistagógico. No entanto, ela precisa ser isto concreta e vivencialmente. Tem sido? Por que será que as pessoas têm vivenciado os sacramentos em modo sazonal e acentuam tanto uma fé sem pertencimento? Por que os nossos grupos de pastorais, movimentos e as nossas comunidades, repetem estagnadamente as etapas catequéticas e não dinamizam processos, não criam vivências, não mistagogizam?

É preciso mudança de vida. É preciso conversão. Ora, a aliança com Deus é muitas vezes simbolizada pelo casamento. Assim, os “maridos” podem representar aspectos desviados (idolatrias) da religião praticada na Samaria. Isso faria parte da história de um povo que se distanciou de seu Deus, mas que, mesmo assim, busca-o com sinceridade. Os muitos ídolos não saciaram e o povo voltou a “ter sede”. Jesus apareceu na história daquela mulher/povo, como a nova fonte, fonte de uma nova água. E ele vai revelar o verdadeiro “marido” e, como consequência, a verdadeira adoração em espírito e verdade. Tudo em vista de uma nova vida. (CNBB 107, 26).

3 É A COMUNIDADE QUE É DESAFIADA.

Os questionamentos nos desafiam a buscar respostas comunitariamente. É este o esforço dos bispos do Brasil em mover todas as Igrejas particulares num esforço coletivo de reassumir o caráter mistagógico da Iniciação Cristã. Como já dito, não existem receitas, trata-se de abrir-se para a avaliação, reconhecer os limites relacionados a isto e que obstaculizam e impedem o vigor da mistagogia, deixar-se interpelar pelo Espírito de Deus que está sempre soprando sobre Sua Igreja vigorosamente. Dá para nos perguntar mutuamente, buscar conjuntamente, aprender uns com os outros. São tantas as experiências e algumas bem frutuosas na inspiração catecumenal. É preciso querer aprender, esforçar-se por buscar e abrir-se para partilhar.

É assim que nos interpelam os bispos:

A inspiração catecumenal que propomos é uma dinâmica, uma pedagogia, uma mística, que nos convida a entrar sempre mais no

mistério do amor de Deus. Um itinerário mistagógico, um desejo que nunca acaba. Porque Deus, sendo Amor, nunca se esgota. A mística é a entrada nesse movimento de busca de Deus, que para a fé cristã, concretiza-se no encontro com o outro. E “cada vez que nos encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo sobre Deus” (CNBB 107, 56).

Catecúmenos somos todos os que caminhamos na fé tentando acertar o passo na estrada de Jesus. Somos todos discípulos missionários, alguns com mais idade, outros com menos, muitos jovens, adolescentes, tantas e tantas crianças. Há quem precise fortalecer a vivência, há quem esteja desanimado e precise reaquecer o coração e visitar a própria pia batismal para reaprender e, também, há tantos que ainda não conheceram a alegre notícia de Deus que é Jesus. Portanto, toda a vida da Igreja precisa ser mistagogia, precisa ter inspiração catecumenal. Precisamos encontrar os caminhos adequados para garantir e consolidar o dinamismo desta vivência.

O primeiro anúncio abriu caminhos para uma adesão que gerou vida nova de discípulos. O que se iniciara por uma experiência pessoal e individual, desdobrou-se em vivência de comunidade de fé. São eles, os samaritanos, a dizer à mulher: “...este é verdadeiramente o Salvador do mundo” (Jo 4,42). Ela lhes havia apresentado Jesus. A comunidade ajudou-a a reconhecer o Salvador do mundo. Aconteceu uma bela experiência de fé partilhada. (CNBB 107, 36).

Quando encontra efetivamente o Senhor e compreende quem Ele é, a Samaritana desconsidera o cântaro que tinha na mão e se converte ela própria em anunciadora daquilo que buscara e encontrou. Assim também todos somos chamados a ser. Não é só o catequista que tem a responsabilidade de educar na fé, não são apenas os pais, mas toda a comunidade é convocada a propiciar o caminho mistagógico da fé, todos somos chamados a anunciar, principalmente, com a própria vida, dando testemunho daquilo que aprendemos na intimidade com o Senhor. Se Ele se revela a nós não é para que o retenhamos conosco, mas para que o partilhemos

com os demais. A alegria do encontro não dá para segurar, porque ela transborda e sempre derrama para fora de nós mesmos através do nosso testemunho.

‘Como Jesus no poço de Sicar, também a Igreja sente que se deve sentar ao lado dos homens e mulheres deste tempo, para tornar presente o Senhor na sua vida, para que o possam encontrar, porque só o seu espírito é água que dá a vida verdadeira. Nesse sentido, é que entendemos que um processo consistente de Iniciação à Vida Cristã é indispensável ao tipo de missão que os novos interlocutores de hoje estão pedindo à nossa Igreja (CNBB 107, 38).

Se a Igreja vive uma nova época, significa dizer também que esta mudança traz consigo também novos interlocutores. É preciso que esteja atenta ao que eles solicitam. Se os vínculos são extraterritorializados e os fiéis movem-se mais por afinidades do que por determinação geográfica, por que, então, não se levar em conta a ênfase dada nos vínculos relacionais, mais do que nos comprovantes de residência? Se a comoção do coração é fator tão importante para as gerações contemporâneas, por que insistir num frio racionalismo que se esquece que no caminho de Emaús os dois caminheiros sentiram seus corações arder ao ouvi-Lo falar das escrituras? Não caminhamos às cegas, precisamos saber aprender de modo diversificado.

Num momento de crise, como este do mundo em mudança, somos profundamente questionados. O próprio Senhor nos retira da nossa acomodação e nos chama a responder a esse novo desafio. O evangelho não mudou, mas mudaram os interlocutores. O que mudou foram os valores, os modelos, as alegrias e as esperanças, as tristezas e angústias dos homens e mulheres de hoje. Jesus nos convida a sair, a escutar, a servir, num movimento de transformação missionária de nossa Igreja. Essa atitude exige estarmos atentos aos sinais dos tempos. O processo é de escuta e atenção aos clamores do povo. Voltando-nos assim para a “Samaria” dos nossos dias, como fez Jesus, abrem-se novos espaços, livres, críticos, comunitários e fraternos, onde a fé cristã pode emergir, com uma renovada pertinência, na busca de mais humanidade e de melhor qualidade de vida, com um profetismo

especial, que responda às necessidades da nossa realidade (CNBB 107, 51).

Não dá para engessar a experiência sem correr o risco de pretender prescindir do Espírito que tanto sopra novidades. A larga e vasta experiência eclesial é boa companheira nas vivências comunitárias hodiernas, pois o passado pode nos impulsionar a buscar permanentemente caminhos novos “para que cheguemos a viver, com autenticidade e zelo ardente, o seguimento de Jesus, a partilhar com Ele a missão de fazer acontecer o Reino no mundo de hoje” (CNBB 107, 39). A Igreja não pode fechar-se às demandas de novos processos para a transmissão da fé que o mundo em mudança apresenta para o discípulo missionário (Cf. CNBB 107, 46).

Deste modo, é imprescindível garantir o anúncio do essencial da fé que é o *Querigma*, proclamação do Deus Trindade que Jesus nos revela. Enviado do Pai Ele nos mostrou o amor gratuito e desinteressado de Deus que se entregou na Cruz para nossa Salvação e permanece conosco com o Seu Espírito, nos dando ânimo, vigor, luz e liberdade para permanentemente vivermos o Evangelho (Cf. CNBB 107, 59). Tudo isto encontra lugar sobremaneira nas celebrações litúrgicas e nas vivências dos sacramentos. Por estas práticas é que podemos ser conduzidos para o interior da vida de Deus, para dentro do Seu Divino Mistério, pois a mistagogia significa isto, “uma progressiva introdução no mistério pascal de Cristo, vivido na experiência comunitária” (CNBB 107, 60).

Como nos animam os pastores:

A Iniciação à Vida Cristã é uma *urgência* que precisa ser assumida com decisão, coragem e criatividade. Ela renova a vida comunitária e desperta seu caráter missionário. Isso requer novas atitudes evangelizadoras e pastorais. Para a Igreja impõe-se a tarefa irrenunciável de oferecer uma modalidade operativa de iniciação cristã que, além de marcar *o quê*, também dê elementos para *o quem*, *o como* e *o onde* se realiza. Dessa forma,

assumiremos o desafio de uma nova evangelização, à qual temos sido reiteradamente convocados (CNBB 107, 69).

É imperativo, portanto, uma efetiva práxis eclesial vivida com inspiração catecumenal, pois poderá ser assim que a Igreja reforçará seu caráter essencial de Casa da Iniciação Cristã, espaço e tempo onde os discípulos missionários vivenciam a fé no acolhimento, no aprofundamento e na animação da fé. Sabendo que tudo se encaminha para a Eucaristia, origem, caminho e finalidade da vida eclesial. É Nela que nos tornamos um com o Pai, no Filho, sob o impulso do Espírito Santo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bíblia Sagrada – Edição Pastoral [on-line]. Disponível em www.paulus.com.br

Bíblia do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2010

DOCUMENTOS DA CNBB 107. *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Brasília: Edições Cnbb, 2017

COMBLIN, José. *O Caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2004.

LIMA VAZ, Henrique C. *Escritos de Filosofia*. Problemas de Fronteira. São Paulo: Loyola, 1986, pp. 241-256.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo. *Diálogos entre razão e fé*. São Paulo, Paulinas, 2000, pp. 51-73